

IGREJA  
LUSITANA  
CATÓLICA  
APOSTÓLICA  
EVANGÉLICA

# **O novo despertar**

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

ABRIL 2015

€1.25

Nº 166

*Saibam que  
estarei sempre  
convosco*

*Mateus 28,20*

*Aleluia! Cristo ressuscitou!*

# Destaques nesta edição



Pág. 11 a 17  
Dossier - 2º Encontro Lusófono



Pág. 18 e 19  
Sagrada primeira mulher Bispo

## Pág. 20 e 21

Uma humanidade desumanizada?

## Pág. 24 e 25

A Glorificação de Jesus no Evangelho de S. João

## Pág. 27

Mensagem Pascal do Arcebispo da Cantuária



Pág. 22 e 23  
Ide, anunciai, batizai...

## O Novo Despertar digital

registe-se em [www.igreja-lusitana.org](http://www.igreja-lusitana.org) para receber a newsletter.

faça um gosto: [www.facebook.com/igreja-lusitana](https://www.facebook.com/igreja-lusitana)



### Ficha Técnica

**Entidade Proprietária:** Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** D. Fernando Luz Soares, Manuel Guedes Vieira, Frei Bernardo d'Almeida, Padre Tony Neves, Cónego Carlo Aluigi, Brígida Arbiol, Presbítero Fernando Santos **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** [centrodiocesano@igreja-lusitana.org](mailto:centrodiocesano@igreja-lusitana.org) **Web:** [www.igreja-lusitana.org](http://www.igreja-lusitana.org) **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Greca. O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



## Transformem-se, adquirindo uma nova mentalidade Rom.12,2

D. Jorge Pina Cabral

«Eles estão a viver, não a morrer!». O grito de alerta é recente e é feito por uma jovem cristã de seu nome Cookie Cantwell após uma visita em Março passado a um campo de refugiados no Ruanda que alberga 14.500 pessoas vindas do vizinho Congo. Este grito revela um olhar de fé e de esperança perante uma realidade difícil. Para ela os refugiados estão vivos e não são «mortos vivos». Estamos perante um olhar e uma fé que não desistem daqueles que estão em necessidade e que levam esta jovem a afirmar: «uma vez que fomos tocados, temos que tomar uma decisão sobre o que nos propomos fazer».

As realidades complexas e sofridas dos tempos que vivemos e a sua permanente mediatização e exposição levam-nos muitas vezes a olhar para o lado e a desistir de as enfrentar. Vivemos a circunstância de uma opinião pública cansada do repetir diário de notícias trágicas e descrente nas soluções propostas. Por outro lado, avaliamos o grau de risco dos dramas humanos existentes em função da sua maior ou menor proximidade e capacidade de nos afetar no nosso dia-a-dia. O drama humano dos efeitos do vírus do ébola não passa de mais uma notícia que só se tornará real no nosso quotidiano quando de nós se aproximar. Criamos assim círculos de segurança e de bem-estar cuja finalidade é a de preservar um estilo de vida que nos garanta uma aparente felicidade. Olhamos para o lado e desistimos dos que ainda vivem porque não queremos carregar connosco as suas cruzes. Muitos e muitas estão vivos mas para nós estão antecipadamente condenados e mortos. O seu olhar já não nos interpela e os seus gritos de tão repetidos soam indiferentes aos nossos ouvidos. Bem perto de nós os idosos esquecidos nas urgências dos hospitais ou abandonados a um dia a dia triste e solitário constituem talvez a expressão mais visível e cruel deste progressivo abandono.

Nas narrativas Evangélicas da paixão de Cristo apercebemo-nos também do modo como Jesus Cristo foi sendo antecipadamente condenado e abandonado mesmo em vida. Na traição de Judas, no clamor da multidão que o preteriu por Barrabás, na hipocrisia calculista de Pilatos, na negação de Pedro, no abandono dos discípulos, no sarcasmo dos soldados e povo que passava junto à cruz, abriu-se e facilitou-se assim o caminho para a sua morte. Cristo foi vítima do pecado humano que hoje teimosamente continua a querer tirar

a vida àqueles que nada mais têm para oferecer do que a sua própria vida. Mas um pequeno grupo de mulheres e o discípulo amado, soube não desviar o olhar e assumiu solidariamente percorrer também o caminho até à cruz, fazendo seu o drama e o sofrimento da situação vivida.

“O triunfo da vida não faz esquecer as marcas da morte e ajuda-nos a encará-las agora à luz de uma nova perspectiva, esperança e particularmente de confiança no amor que tudo suporta.”

No relato das aparições que neste tempo Pascal nos é apresentado, o Cristo ressuscitado apresenta-se aos seus mostrando as mãos e os pés (Lc 24,39-40) e a ferida do seu lado (Jo 20, 27). O ressuscitado carrega consigo as chagas da sua crucificação que não são mais do que as marcas de uma vida dada por amor. O triunfo da vida não faz esquecer as marcas da morte e ajuda-nos a encará-las agora à luz de uma nova perspectiva, esperança e particularmente de confiança no amor que tudo suporta. Celebrar a vida nova que a Páscoa de Cristo nos oferece passa necessariamente por assumir e acreditar na vida, na nossa e na vida dos outros por mais sofrida e triste que a mesma se apresente. Na sua total identificação com os mais pequenos, pobres e indefesos, Cristo assumiu as suas chagas como hoje continua também a assumir as dores, o sofrimento e o esquecimento dos refugiados, das mulheres maltratadas e de muitos outros. Saber olhá-los e acolhê-los, é no tempo de hoje olhar e acolher a Cristo, e dizer com o coração, tal como Tomé o fez: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20,28).

Neste sopro novo de Primavera que a todos nos toma eis o apelo sempre renovado a não vivermos de acordo com as normas do mundo, mas antes a transformarmos adquirindo uma nova mentalidade, aquela que provem do Espírito do Ressuscitado.

Santo Tempo de Páscoa !

+ Jorge



## Batismo realizado no dia de Páscoa

No contexto da celebração pascal do passado dia 5 de Abril, realizou-se na paróquia de S. João Evangelista em Vila Nova de Gaia, o batizado de Luísa Silva de Pina Cabral.

A realização deste batismo foi profundamente vivida pela comunidade reunida e permitiu aprofundar o sentido da mensagem pascal. D. Jorge, pároco desta comunidade, referiu e explicitou como desde cedo, na tradição da Igreja, o sacramento do batismo expressou e simbolizou a Páscoa de Jesus dado que pelo batismo ressuscitamos com Cristo conforme S. Paulo refere na sua carta aos Romanos.

A Luísa é filha de Luis Bernardo Tavares de Pina Cabral e de Leticia Sousa Monteiro Silva e foram madrinhas Liliana Silva e Cristina Carneiro. A comunidade orou pelo compromisso e apoio de todos no crescimento espiritual da criança e de uma forma alegre deu as boas vindas a mais este membro da Igreja, Corpo de Cristo.

## Bíblias para os presos na Bélgica

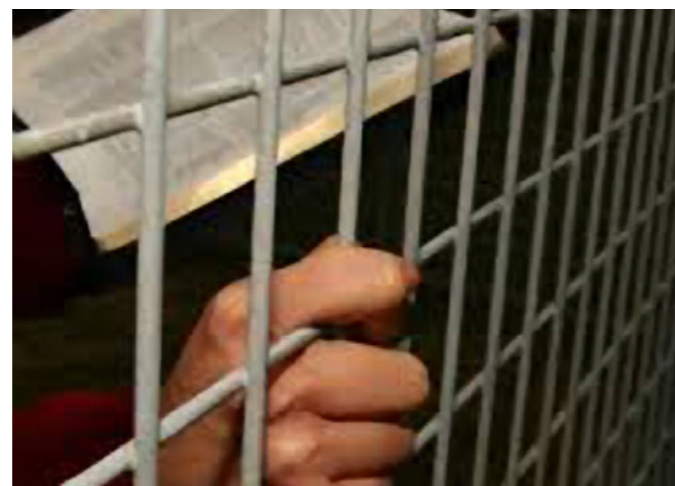
O pedido surgiu de uma forma inesperada e desafiante como inesperados e desafiantes são sempre os pedidos de Deus. Em pleno tempo de Advento, tempo por natureza de expectativa e vigilância, foram solicitadas ao bispo da Igreja Lusitana, bíblias em Português, para apoio espiritual aos portugueses que se encontram encarcerados nas prisões na Bélgica.

A solicitação feita pelo Reverendo Dr. Mark Barwick, pároco da paróquia de «All Saints Church» na Bélgica, da Convocação das Igrejas Episcopais na Europa, enquadra-se no trabalho de assistência espiritual e religiosa desenvolvido por dois capelães Anglicanos

junto dos emigrantes, que por circunstâncias da vida, se encontram presos na Bélgica.

Desde os finais dos anos 80 do século passado, que as prisões Belgas se encontram sobrelotadas e cerca de 40% dos presos são estrangeiros e entre estes muitos são portugueses. Os presos sentem muita necessidade de material de leitura, principalmente na sua língua. Quando há bíblias disponíveis, é frequente as mesmas serem levadas para casa após o cumprimento da sentença.

Perante esta oportunidade de serviço e de evangelização, as paróquias lusitanas responderam positivamente à solicitação, contribuindo economicamente para a aquisição e envio de 40 Bíblias da edição «A Bíblia para todos» da Sociedade Bíblica Portuguesa conjuntamente com 40 lecionários bíblicos. As Bíblias já foram rececionadas na Bélgica e encontram-se agora a ser entregues a quem delas necessita. Em cada Bíblia foi colocada uma mensagem de saudação e de conforto e um endereço que permite um futuro contacto com a Igreja Lusitana.



## Encontros quaresmais aprofundam consciência batismal

Realizaram-se em ambos os arceprestados, encontros quaresmais orientados pelo bispo diocesano e subordinados ao tema: «Quaresma o tempo favorável para refazer com Cristo o nosso caminhar batismal». Estes encontros, que tiveram lugar a 14 e 21 de março, respetivamente na catedral de S. Paulo (Lisboa) e na paróquia do Bom Pastor (Vila Nova de Gaia), congregaram ambos cerca de 60 pessoas.

O tema abordado decorre do tema do último Sínodo diocesano «Do Batismo à Missão da Igreja». Através da leitura e estudo bíblico, apresentação de textos próprios e momentos de oração, foi possível promover uma reflexão e aprofundamento sobre a identidade e condição batismal que nos configura a Cristo morto e ressuscitado (Rom. 6,3-4), culminar do caminhar quaresmal e centro da nossa fé pascal.

O texto bíblico do diálogo vivo e existencial entre Jesus e a mulher Samaritana (João 4,1-42) foi aprofundado ao longo do dia em cada encontro. Nele se explicita de uma forma muito bela, o sentido do batismo enquanto dádiva que Jesus faz de si próprio, um dom de Água Viva, que se torna no coração daquele que o acolhe uma fonte para a vida eterna.

Estes encontros quaresmais permitiram também um tempo de relação fraterna entre irmãos de diversas paróquias que nem sempre têm a oportunidade de estar juntos. No final a boa sensação entre os presentes, de terem vivenciado um tempo eclesial alegre e agradável, que permitiu um reforço do caminhar quaresmal para a Páscoa.



## Dia do Pai celebrado na Paróquia do Redentor

A Paróquia do Redentor criou a tradição de celebrar o Dia do Pai, no dia de S. José o esposo da Virgem Maria, ou no domingo imediatamente a seguir. A celebração, incluída este ano no culto dominical do V domingo da quaresma, contou com a participação das crianças e jovens da Escola Dominical, que após o Abraço da Paz, leram os seus testemunhos de homenagem aos seus pais e concluíram com um cântico de louvor a Deus.

As famílias desta comunidade também sentem os problemas da sociedade atual e, por isso mesmo, há crianças que estão a fazer o seu crescimento longe do seu pai. Isso, porém, não as impede, de deixarem o seu testemunho àqueles que, mesmo não sendo o pai biológico, exercem com muito carinho a missão e as funções paternas. Foi o caso da Bárbara Martins, que num bonito testemunho escrito a seu avô, Mamede Martins, lhe expressou todo o seu amor e reconhecimento afirmando : « neste dia quero dizer-te que és muito especial para mim, és mais que um avô, és um pai, um amigo, uma pessoa que me faz feliz, uma pessoa que quando estou triste me vem dar apoio, uma pessoa que me inspira. Não preciso de dizer muitas palavras para descrever o amor que sinto por ti, pois tu sabes o quanto TE AMO ...».

Damos graças a Deus por estes testemunhos de amor e carinho que se sustentam no exemplo de S. José, «homem justo» (Mat. 1,19), que soube cuidar e proteger a sua família e se tornou para nós um exemplo de fé.



## Noite de Vigília celebra Ressurreição

Mais do que uma tradição a Vigília Pascal anual do Arciprestado do Norte é um forte tempo de celebração que interpela e anima os participantes. Assim aconteceu uma vez mais, no Sábado Santo, dia 4 de Abril, na celebração realizada na Paróquia do Redentor. Congregando o clero do Norte e cerca de 60 pessoas das diversas paróquias, a Vigília nos seus diferentes momentos litúrgicos, permitiu o aprofundamento da vivência e do sentido da ressurreição de Jesus Cristo. Os participantes souberam juntos acolher a Palavra de Deus, renovar os votos batismais, participar na mesa da Eucaristia e cantar alegremente os hinos de aleluia.

Na homilia, o bispo diocesano, exortou os presentes a um compromisso de fidelidade a Cristo crucificado à semelhança do punhado de mulheres que se manteve fiel e presente junto à Cruz do Calvário. Referiu que é esta mesma fidelidade que aguenta a provação que nos predispõe tal como as mulheres no Evangelho a reconhecer na vida a Cristo ressuscitado. O coro do Arciprestado do Norte, sob a orientação do maestro Pedro Valle, enriqueceu a celebração, entoando diversos cânticos e hinos, alguns dos quais pela primeira vez. No final a alegria pascal foi vivida e partilhada num animado ágape oferecido pela paróquia do Redentor.

## Fortalecidas para o serviço a Cristo e à sua Igreja

Na eucaristia dominical do I domingo da quaresma, no passado dia 22 de Fevereiro, na paróquia lusitana de S. Tomé (Castanheira do Ribatejo), o bispo diocesano, administrou o rito sacramental da Confirmação a Luísa Margarida e a Maria Vitória.



Perante a comunidade local, D. Jorge, na homilia proferida e sustentado nas passagens bíblicas do dia, exortou os presentes a fazerem da quaresma um tempo de interioridade e de encontro com Deus, que requer à semelhança de Jesus no deserto, uma disciplina sustentada na palavra de Deus e na força do Espírito Santo. Ambas as confirmandas são membros comprometidos da paróquia de S. Tomé e estão agora mais equipadas, pelos dons do Espírito Santo, a testemunhar a Cristo nas suas vidas.

Na véspera da celebração, o bispo diocesano tinha reunido com a Reverenda Elisabeth Sena e com as duas candidatas, num tempo de preparação espiritual que se caracterizou por uma partilha de vida muito rica e analisada à luz da fé. No Domingo e após a celebração eucarística houve ainda oportunidade para um almoço de diversos membros da comunidade de S. Tomé com o seu bispo.

# Catedral de São Paulo vai acolher 50º aniversário de plena comunhão

Cumprem-se em 2015 cinquenta anos da assinatura da concordata de plena comunhão entre a Igreja Lusitana e a Comunhão das Igrejas Velho-Católicas de Utreque (Holanda). No mesmo ano também a Igreja Espanhola Reformada Episcopal (IERE) assinou documento similar pelo que a sessão evocativa, que contará com a presença do Arcebispo de Utreque, Joris Vercammen, terá carácter ibérico.

O evento vai ter lugar na catedral lusitana de São Paulo, em Lisboa, a 26 e 27 de junho. No primeiro dia haverá intervenções do bispo diocesano, D. Jorge de Pina Cabral, do bispo emérito, D. Fernando da Luz Soares, que abordará as concordatas de plena comunhão assinadas pela Igreja Lusitana no quadro da história da Igreja no séc. XX, e de D. Carlos López Losano, bispo diocesano da IERE. António Manuel Silva (IAET) tratará da inspiração velho-católica na fundação da Igreja Lusitana, cabendo ao Arcebispo de Utreque, Reverendíssimo Joris Vercammen, encerrar a sessão com a conferência “A Comunhão Velho-Católica: história, realidade actual e desafios de missão”.

No sábado 27 de junho Jenny Knudsen, representante anglicana na comissão internacional de diálogo entre anglicanos e velho-católicos (AOCICC) abordará o diálogo anglicano/velho-católico no seio daquela comissão e a declaração conjunta “Belonging together in Europe”, havendo ainda tempo para uma mesa-redonda com o tema “Caminhos a percorrer”, entre o Arcebispo Vercammen e os bispos Jorge Pina Cabral e Carlos López Lozano, que dialogarão entre si e com a assistência sobre as potencialidades do estreitamento de relações entre as igrejas para uma missão mais eficaz.

O evento será encerrado com um serviço eucarístico de Ação de Graças, co-presidido pelos bispos Pina Cabral, Vercammen e Lozano, que pregará. O programa completo estará em breve disponível no sítio electrónico da IL: [www.igreja-lusitana.org](http://www.igreja-lusitana.org)

## O MOVIMENTO VELHO-CATÓLICO E AS CONCORDATAS DE PLENA COMUNHÃO

O movimento velho-católico originou-se em alguns países da Europa central na década de 1870, em reacção a diversos aspetos da doutrina e ordem da Igreja Católica, nomeadamente a declaração do dogma da infalibilidade papal feita no Concílio Vaticano I.

Agregando inicialmente comunidades alemãs e suíças sob a égide da arquidiocese de Utreque, igreja que desde 1742 se autonomizou de Roma, o movimento

velho-católico celebrou vários congressos até que em 1889 alguns bispos assinaram a declaração de Utreque e fundaram uma comunhão de igrejas estabelecidas em vários países. Recorde-se que ainda recentemente uma delegação da IL participou no 31º Congresso da Comunhão das Igrejas Velho-Católicas, realizado em Utreque em Setembro de 2014.

Os acordos ou concordatas de plena comunhão significam que entre duas igrejas há total reconhecimento de ministérios e dos ritos praticados em cada uma. Por outras palavras, um bispo ou presbítero ordenado numa igreja é reconhecido como tal e os fiéis de cada uma das igrejas em “plena comunhão” podem aceder à eucaristia ou outros ritos livremente.

A Comunhão Velho-Católica de Utreque está desde 1931 em plena comunhão com a Comunhão Anglicana e também a Igreja Lusitana assinou em 1965 acordo similar com a comunhão velho-católica. A IL tem também acordos de plena comunhão com as Igrejas Episcopal Americana (1961), da Irlanda e Inglaterra (1963), naturalmente tornados obsoletos pela admissão da IL na Comunhão Anglicana em 1980. Mais recentemente (2001), pela sua integração na Comunhão de Porvoo, a IL está também em plena comunhão com várias igrejas luteranas do Norte da Europa.





## Cónego Carlo Aluigi celebra 55 anos de Sacerdócio

Na passada 5ª feira Santa, dia 2 de abril, cumpriram-se 55 anos da ordenação presbiteral, do Reverendo Cónego Carlo Aluigi. Na manhã desse dia, reunido com o seu bispo e colegas de sacerdócio, na cerimónia de renovação dos votos sacerdotais que teve lugar na catedral de S. Paulo, o Cónego Aluigi expressou a sua gratidão a Deus pela orientação dada ao seu ministério e partilhou os momentos mais significativos desta longa jornada de serviço ministerial. Presente também, a sua dedicada esposa e fiel companheira no ministério, D. Maria da Glória. A pedido do ND ficamos um testemunho em primeira pessoa do caminho percorrido:

### RECORDAR É VIVER

Quero partilhar convosco o caminho que percorri ao longo destes 55 anos de Sacerdócio. A minha longa caminhada começou no dia 2 de abril de 1960 – 5ª Feira Santa – na Catedral de Milão onde fui ordenado com mais 35 colegas pelo Cardeal Montini que mais tarde foi Papa Paulo VI. Não escondo que me sinto feliz neste momento porque me considero como um peregrino e naufrago que chega ao fim da peregrinação e da travessia, com momentos tempestuosos e de angústia, momentos de acalmia e esperança. Sempre senti a presença de Jesus a conduzir-me pela mão.

Cheguei a Portugal para aprender a língua e seguir para as missões de Moçambique. Mas de facto fiquei em Portugal com a tarefa de recrutamento e animação missionária nos Seminários Diocesanos, colégios, es-

colas e paróquias no Continente, Madeira e Açores. O meu desejo de partir para as Missões de Moçambique realizou-se em 1969. Mas foi sol de pouca dura pela situação política em Portugal e o movimento independentista liderado por Samora Machel. As missões de Tete e Nampula foram desmanteladas e Lourenço Marques foi o refúgio dos missionários. Lá tive a sorte de encontrar o Bispo dos Libombos D. Daniel Pina Cabral. Foi um encontro abençoado. Este missionário Anglicano, Pastor prudente e sábio conselheiro deu-me a conhecer a sua família, a sua diocese e uma Igreja aberta e tolerante onde há lugar para todos, a Igreja Anglicana.

Regressei a Portugal e foi aqui que procurei e encontrei abrigo na Igreja Lusitana onde fui recebido pelo Bispo D. Luís César Rodrigues Pereira. Aos Bispos D. Daniel e D. Luís vale neste momento a minha grata recordação e homenagem porque foram as duas colunas mestras que não deixaram ruir o meu Sacerdócio. Do Bispo D. Luís trago gravada na memória uma expressão de alegria quando contei o meu percurso: “Padre Aluigi, o senhor é uma bênção caída do céu no momento mais oportuno” - Naqueles dias havia deixado a Paróquia de S. Mateus e S. Marcos o Padre Saúl de Sousa que foi recebido no clero do Patriarcado de Lisboa.

Ao longo de três meses acompanhei-o às Paróquias de S. Mateus, S. Marcos, Espírito Santo e à Missão de S. Joao Batista. Por fim disse: “Padre Aluigi, este é o seu campo de trabalho.” – E esta foi a minha rodagem na Igreja Lusitana. Habitado a outro tipo de Pastoral e a Igrejas cheias de gente, estranhei um pouco ver capelas com muitos bancos e poucas pessoas. Com o passar do tempo descobri a riqueza numa Igreja familiar e doméstica onde todos se conhecem, se visitam, se chamam pelo nome, se interessam uns pelos outros e se amparam na hora da aflição.

Ao meu lado esteve sempre a Maria da Glória, minha esposa e colaboradora nos serviços de organista, renovação dos paramentos Litúrgicos e organização dos arquivos. Nestes anos ao serviço Pastoral na Igreja Anglicana de Portugal aprendi a escutar as pessoas e descobri quanto é necessária a proximidade com os nossos Irmãos. Foi fundamental para a minha ação pastoral o acompanhamento às famílias, aos doentes, aos idosos, nos lares e nos hospitais. Foi a herança que recebi do Bispo D. Luís que ainda hoje é recordado em Vila Franca como médico e pai dos pobres.

Neste momento e nesta dia de 5ª feira Santa vai uma homenagem de gratidão a todos os companheiros de viagem que já regressaram a casa do Pai: D. Daniel, D. Luís, Presbíteros Pinto Ribeiro, Estanislau Langner, Eudoro dos Santos, Joaquim Ribeiro, José Carlos Gonçalves, Cónego César Pereira. A todos nós que ainda somos peregrinos, votos para que possamos continuar a servir esta parcela da Igreja com os olhos postos na Páscoa da vitória da vida: «O Senhor ressuscitou, aleluia!»

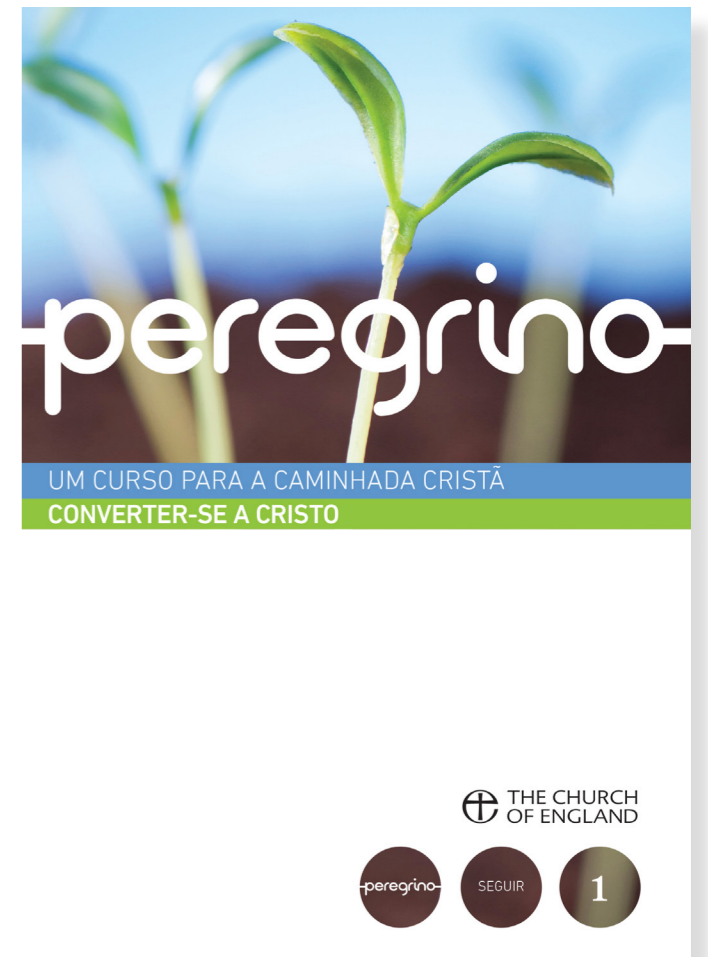
*Carlo Aluigi, Presbítero e Cónego da Igreja Lusitana*



## Peregrino, um curso para a caminhada cristã

Como foi anunciado no último ND, o Instituto Anglicano de Estudos Teológicos tem em avançada preparação o lançamento do curso Peregrino, uma ação de formação e catecumenado adaptada de um projeto em curso na Igreja de Inglaterra. Os primeiros cadernos da série estão já traduzidos e prepara-se agora a sua edição para que o curso possa ser lançado no primeiro trimestre de 2015.

Outras ações estão também planeadas no âmbito do IAET, mas os meios disponíveis e a necessidade de reorganizar o setor de formação e comunicação na Igreja Lusitana, de acordo com a decisão do sínodo diocesano, fazem do Curso Peregrino, a prioridade e foco essencial do Instituto.



## Campanha dos Mealheiros “Obrigado, Senhor!” - Da gratidão à dádiva no Mealheiro - será lançada a 24 de Maio dia de Pentecostes.

No Domingo de Pentecostes, 24 de maio, será lançada pelo segundo ano, junto do povo da Igreja e onde o Espírito indicar, a campanha dos mealheiros “da gratidão à dádiva”. Os mealheiros serão distribuídos nas Paróquias e também podem ser solicitados no Centro Diocesano.

O objetivo é integrar a receita no “Obrigado Senhor” para ajudar a aumentar esta importante fonte de receita nas contas da Igreja.

Também se pretende suscitar nas pessoas, desde os mais pequeninos até aos idosos, a atitude de gratidão pela diversidade de bênçãos recebidas de Deus, através da materialização de uma dádiva a colocar no mealheiro para posterior entrega na Igreja. Assim se cria um espírito de mordomia, de educação para o dar e do sentido da gratidão.

No ano 2014, esta campanha permitiu arrecadar 3.455,97€, ou seja, 44% da receita total do “Obrigado Senhor”. É um motivo de graças a Deus e de nos deixar-

mos tocar e desafiar, assumindo a partilha de mealheiros nas nossas comunidades, amigos e conhecidos, como uma oportunidade de falar e testemunhar com alegria o amor de Deus.

O término da campanha será na Festa de Jesus Cristo Rei do Universo, no dia 22 de novembro em contexto de ação de graças, depositando os mealheiros junto do Altar.





### COPIC em Assembleia Geral

Duas dezenas de representantes das Igrejas Lusitana, Metodista e Presbiteriana estiveram reunidos para mais uma Assembleia Geral do COPIC - Conselho Português de Igrejas Cristãs, no sábado, 28 de março de 2015, nas instalações da Fundação CESDA da Igreja Metodista, em Aveiro.

Foram cumpridas as exigências estatutárias na análise e aprovação dos relatórios de atividades e de contas e do plano e orçamento para o corrente ano. De sublinhar a área de trabalho conjunto iniciada com os encontros de formação de monitores para as Escolas dominicais e ainda a importante área da presença nos media através dos programas televisivos e radiofónicos da responsabilidade do COPIC.

Através de um encontro de reflexão procurar-se-á aprofundar as implicações para as Igrejas e movimento ecuménico da Declaração do Reconhecimento Mútuo do Sacramento do Batismo, assinada em janeiro de 2014. De referir, que no decorrer dos trabalhos o Pastor João Pereira, foi eleito Secretário de Direção, em representação da Igreja Presbiteriana.

A surpresa ficou para o final e consistiu na abertura oficial do site do COPIC - [\[www.copic.pt\]](http://www.copic.pt) que certamente ajudará a dar maior visibilidade e testemunho do que acontece ao nível do Ecumenismo, particularmente em Portugal. Um site que pela sua novidade e sinal de esperança merece uma visita e um registo de nome e email.

### Celebração Ecuménica no Hospital aponta caminho de serviço

Centrada na pessoa do doente e no rito do lava-pés enquanto expressão de humildade e de serviço, realizou-se no passado dia 19 de março – dia de S. José, esposo da Virgem Maria, uma celebração Ecuménica na capela do Hospital de S. João do Porto. A celebração ocorreu em pleno contexto quaresmal e aprofundou um caminho ecuménico que assume as cruzes da vida e se propõe carregá-las em conjunto como sinal de unidade. Estiveram presentes ministros de diversas Igrejas tendo a homilia sido realizada pelo bispo D. Jorge da Igreja Lusitana.

Na procissão de abertura, foram entregues ao hospital mais de 1000 pequenas cruzes feitas de ramos de palmeira por irmãs da paróquia lusitana de S. João Evangelista. Estas cruzes foram distribuídas aos doentes na manhã do dia de Páscoa. A cerimónia que congregou 200 pessoas de diversas Igrejas, contou com a participação do Coro Polifónico da Igreja da Lapa que interpretou peças de música sacra de diversas tradições cristãs.



«Sonho que se sonha só  
é apenas um sonho.  
Sonho que se sonha junto  
é o começo da realidade»

(Miguel Cervantes)



II Encontro de Igrejas Lusófonas da Comunhão Anglicana,  
26 a 28 de Fevereiro 2015, Recife – Brasil

# PROPOSTA CRIAÇÃO DE UMA REDE ANGLICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Igrejas de Angola, Brasil, Moçambique e Portugal reuniram-se no Brasil



Delegados das igrejas e dioceses anglicanas dos principais países de língua portuguesa encontraram-se na cidade do Recife em finais de Fevereiro para partilha de experiências e exploração de possibilidades de colaboração mais regular.

Foi a segunda vez que as igrejas anglicanas lusófonas estiveram todas reunidas, mas o primeiro encontro, realizado já em 2001, havia contado apenas com os bispos, enquanto desta vez juntou, para além dos diocesanos, também clérigos e clérigas, leigos e leigas das igrejas e dioceses episcopais de três continentes, num total de mais de duas dezenas de delegados.

A reunião decorreu na cidade brasileira do Recife entre os dias 26 a 28 de Fevereiro, tendo a Igreja Lusitana estado representada pelo seu bispo, D. Jorge Pina Cabral, Brígida Arbiol Duarte, presidente do Departamento de Mulheres, e António Manuel Silva, coordenador da área de formação da igreja (IAET). As dioceses anglicanas de Angola e Libombos e Niassa (Moçambique), pertencentes à igreja anglicana da África Austral, estiveram representadas pelos seus bispos e outros clérigos e leigos, enquanto a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), que foi a anfitriã, deslocou à reunião o seu bispo-primaz, D. Francisco Silva, os bispos diocesanos do Recife, D. João Peixoto e de Brasília, D. Maurício Andrade, e responsáveis de diversos ministérios específicos, como a educação teológica, a juventude, as mulheres ou a diaconia.

Para além dos delegados das diferentes igrejas e dioceses lusófonas, participaram no evento representantes do Conselho Consultivo Anglicano e das agências que patrocinaram o encontro, a Anglican Alliance e a Us. (The United Society). Um dos dinamizadores da reunião foi aliás Paulo Ueti, Facilitador da Aliança Anglicana para a América Latina e o Caribe, que esteve presente no Sínodo da Igreja Lusitana em 2014, tendo sido nessa ocasião que o projeto deste encontro lusófono começou a ganhar corpo.

O encontro teve por objetivo estreitar os laços de colaboração na missão, desenvolvimento comunitário, trabalho diaconal e de educação teológica entre os quatro países envolvidos, temas que estiveram em destaque, para além de um especial enfoque no papel

das mulheres e dos jovens na Igreja. Assim, o programa assentou principalmente na apresentação e partilha de experiências sobre a realidade de cada uma das igrejas, quer em plenário, quer através de grupos de trabalho temáticos. Porém, a agenda incluiu ainda uma evocação do encontro de 2001 e apresentações sobre as prioridades atuais da Comunhão Anglicana e sobre as agências envolvidas (Us e Aliança Anglicana). Num dos dias foi transmitido pela internet um webinar (seminário pela Web) com declarações e testemunhos de representantes de todas as delegações (disponível em <http://view6.workcast.net/?pak=8361845566199200>)

Outros momentos importantes foram naturalmente os de celebração, oração e estudo bíblico (“Quem é o/a meu/minha próximo/a?”, com base em Lc. 10:25-37). As liturgias matinais e a celebração eucarística, especialmente adaptadas ao evento a partir da tradição litúrgica da IEAB, constituíram momentos muito ricos em que a solenidade própria do ato se traduziu em textos muito belos e com a simplicidade e linguagem direta muito próprias do Português falado no Brasil. Houve também espaços de convívio e confraternização que permitiram um melhor conhecimento e o estabelecimento de laços mais pessoais entre os participantes.

Os resultados do encontro constam de uma declaração final [caixa], que, muito a propósito, exhibe à cabeça uma citação do escritor Miguel de Cervantes (1547-1616): Sonho que se sonha só é apenas um sonho; sonho que se sonha em conjunto é o começo da realidade. Nesta declaração, as igrejas e dioceses acordaram o desenvolvimento de esforços efetivos para promover a divulgação do trabalho das diferentes igrejas anglicanas de expressão lusófona, bem como outras ações de relacionamento, troca de delegações e partilha de informações e recursos, tendo em vista a convocação de um terceiro encontro anglicano lusófono no prazo máximo de três anos.

Estas e outras medidas, que deverão desembocar na criação de uma rede anglicana de língua portuguesa, serão agora acompanhadas e estimuladas por um grupo de trabalho constituído por uma pessoa representante de cada uma das igrejas ou dioceses. O bispo lusitano, D. Jorge de Pina Cabral, foi um dos elementos escolhidos para o efeito.

## DECLARAÇÃO DO II ENCONTRO DE IGREJAS LUSÓFONAS DA COMUNHÃO ANGLICANA

«Sonho que se sonha só é apenas um sonho. Sonho que se sonha junto é o começo da realidade»

O II Encontro de Igrejas Lusófonas da Comunhão Anglicana reunido sob a inspiração do Espírito Santo, na cidade do Recife, no Estado de Pernambuco, Brasil, de 26 a 28 de fevereiro de 2015, congregou 27 pessoas, entre delegadas e convidadas, incluindo bispos, clérigas, clérigos e pessoas leigas das Dioceses dos Libombos e Niassa (Moçambique) e de Angola da Igreja Anglicana da África Austral, da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (Portugal) e da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), sendo essa última a anfitriã do Evento, que decorreu com a parceria e o apoio da Anglican Alliance e The United Society (Us). Para além destas organizações, estiveram também presentes: o representante da IEAB no Conselho Consultivo Anglicano (CCA), a Comissão Nacional de Diaconia Social da IEAB; o Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD) da IEAB; o Centro de Estudos Anglicanos (CEA) da IEAB; o Grupo de Trabalho da Juventude da IEAB; a União das Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil (UMEAB); o Instituto Anglicano de Estudos Teológicos e o Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana; a União das Mães, de Libombos, Moçambique.

O Encontro constituiu um importante espaço de celebração, partilha e reflexão, com momentos devocionais, sessões plenárias, partilha em grupos, estudo bíblico com o tema “quem é o/a meu/minha próximo/a”, a partir do texto de Lucas 10:25-37; e um WEBINAR transmitido on line. Na agenda de trabalho tiveram destaque os seguintes temas geradores: (a) o papel de jovens; (b) o papel das mulheres; (c) educação cristã e formação teológica; (d) diaconia e desenvolvimento social.

As delegações dessas Igrejas (8 bispos, 3 presbíteras, 6 presbíteros, 1 diácono, 6 leigas e 3 leigos), que em conjunto representam uma comunidade com cerca de 350.000 pessoas anglicanas, distribuídas por diferentes continentes e contextos socioculturais. O Encontro sublinhou o papel da língua portuguesa como elemento da unidade na diversidade, tanto para os países representados no Encontro, como também para restantes comunidades lusófonas espalhadas pelo mundo. As pessoas participantes entenderam emitir a presente Declaração, expressando as principais conclusões e compromissos de colaboração.

Assim, foi acordado o desenvolvimento de esforços efetivos de que saiam resultados concretos para:

a) Promover em cada igreja a divulgação da ação das diferentes igrejas anglicanas de expressão lusófona;

b) Estabelecer relações de companheirismo em missão entre diferentes dioceses anglicanas lusófonas e outras ações de relacionamento, troca de delegações e partilha de informações e recursos;

c) Solicitar o apoio solidário de outras organizações do mundo anglicano para a realização dessas ações, e, em especial, para a convocação do seguinte encontro lusófono no prazo máximo de três anos;

d) Criar, desde já, a partir de recursos próprios, o Grupo de Trabalho, constituído por uma pessoa representante de cada uma das igrejas ou dioceses: Helen Van Koeving, presbítera, Niassa, Moçambique; Joana Chilengue, leiga, Libombos, Moçambique; Jorge Pina Cabral, bispo, Portugal; Kiaku Eduardo Avelino, presbítero, Angola; Paulo Ueti, teólogo leigo, Brasil.

Este Grupo de Trabalho será responsável pelo acompanhamento dessas ações; e por apresentar às entidades competentes a solicitação de criação da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana, que inclua em sua agenda, dentre outros, os temas geradores refletidos no Encontro.

Recife, 28 de fevereiro de 2015

André Soares, bispo diocesano, Angola; António Manuel Silva, Instituto Anglicano de Estudos Teológicos, Portugal; Arthur Cavalcante, presbítero, secretário geral, Brasil; Brígida Arbiol Pereira, leiga, Departamento de Mulheres, Portugal; Carlos Simão Matsinhe, bispo diocesano, Libombos, Moçambique; Christina Manning, assessora de comunicação, Anglican Alliance; Christina Takatsu Whinnischofer, leiga, União das Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil; David Pessoa de Lira, diácono, Recife, Brasil; Francisco Silva, bispo primaz, Brasil; Helen Van Koeving, presbítera, Niassa, Moçambique; Ilcéia Soares, leiga, Comissão Nacional de Diaconia, Brasil; Joabe Cavalcanti, presbítero, Us, Inglaterra; Joana Chilengue, leiga, União das Mães, Libombos, Moçambique; Joanildo Burity, leigo, Conselho Consultivo Anglicano, Brasil; João Cândia Peixoto, bispo diocesano, Recife, Brasil; Jordan Santos, presbítero do Grupo de Trabalho da Juventude do Brasil José Jorge Pina Cabral, bispo diocesano, Portugal; Jossias Solomone, presbítero, Libombos, Moçambique; Kiaku Eduardo Avelino, presbítero deão, Angola; Lillian Conceição da Silva Pessoa de Lira, presbítera, Recife, Brasil; Manuel Ernesto, bispo sufragâneo, Niassa, Moçambique; Marínez Rosa dos Santos Bassotto, presbítera, Comissão Nacional de Diaconia, Brasil; Mark Van Koeving, bispo diocesano, Niassa, Moçambique; Maurício Andrade, bispo diocesano, Brasília, Brasil; Paulo Ueti, teólogo leigo, Anglican Alliance, Brasil; Pedro Triana, presbítero, Centro de Estudos Anglicanos, Brasil; Sandra Andrade, leiga, Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento, Brasil; Comitê Coordenador da Anglican Alliance.



# O aprofundar da amizade e do companheirismo

Foi com muito amor cristão e alegria que representei as Mulheres da Igreja Lusitana neste encontro. Ali, com a Graça de Deus, viveram-se tempos de espiritualidade e partilha de experiências inerentes ao caminhar com Cristo.

As mulheres estavam representadas por mim, enquanto presidente do Departamento de Mulheres da Igreja Lusitana (DMIL), por Cristina Whinnischofer, presidente da União das Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil (UMEAB), por Joana Chilengue, presidente da União das Mães da Diocese dos Libombos, pela Presbítera Helen Van Koevering, presidente da União das Mães da Diocese do Niassa e ainda por outras mulheres brasileiras, presbíteras e leigas, ligadas à diaconia e desenvolvimento. Por motivos de saúde estive ausente a representante de Angola.

A primeira intervenção das mulheres foi a apresentação da estrutura e acção/missão de cada diocese. Curioso é o facto de as dioceses africanas usarem na sua denominação o termo “União das Mães”, embora na prática desenvolvam a sua actividade como movimento de todas as mulheres. A denominação segue uma tradição da Igreja Inglesa “Mothers’ Union”.

Seguiu-se um tempo para reunirmos em grupo de trabalho, para partilha das vivências de cada diocese e debate de propostas futuras de missão. Foi com muita surpresa que as representantes das outras dioceses tiveram conhecimento de que o DMIL canonicamente tem direito a estar representado no Sínodo e na Comissão Permanente com direito a voto, o que não acontece nas outras dioceses lusófonas.

As várias representações das mulheres deram a conhecer os seus planos de acção para a missão, tendo-se concluído que as dificuldades e problemas que encontram no desenvolvimento dos seus programas

são de certo modo comuns a todas as dioceses. Um dos problemas mais referidos é o da fraca adesão das jovens mulheres às iniciativas que são propostas.

Apesar das diferenças culturais e sociais, as mulheres fazem a mesma caminhada de missão expressa no amor e serviço ao próximo. A mesma língua comum, o português, foi uma grande mais-valia deste encontro permitindo o aprofundar da amizade e do companheirismo. Parecia que já nos conhecíamos há muito tempo!

Para além dos tempos de trabalho dedicados à missão da Igreja no feminino, as mulheres presentes também participaram dos outros temas do encontro, diaconia, teologia e jovens.

No final do encontro, as mulheres sentiram-se mais enriquecidas pelas apresentações e reflexões e fortalecidas para o serviço ao nosso semelhante através de Cristo.

*Brígida Arbiol  
Presidente do DMIL*

Cremos em Deus; cremos na força das pessoas pobres,  
Na audácia das pessoas poetas, na ousadia dos profetas,  
Na inspiração das artistas.

Cremos em Jesus, cremos na humildade para servir;  
Na coragem de transformar, na alegria de celebrar,  
No respeito às diferenças, no pão para toda mesa,  
No conforto para toda tristeza.

Cremos no Espírito, cremos na esperança de recomeçar;  
Na beleza do gesto solidário, na justiça para toda opressão,  
Na compaixão diante da dor,  
No amor, dádiva divino-humana. Amém.



## Bispo Pina Cabral - Igreja Lusitana

*- Como surgiu este encontro no Brasil ?*

Numa conversa informal, com convidados estrangeiros, no último Sínodo da Igreja Lusitana realizado em Lisboa em Abril de 2014 refletiu-se sobre a importância e a possibilidade da organização de um encontro desta natureza de forma a dar continuidade em novos moldes a um encontro anterior já realizado e a uma visão que desde então foi sendo construída. Menos de um ano volvido verificamos como o Espírito Santo trabalha vontades e corações de forma para que aquilo que é vontade de Deus ganhe expressão e se torne realidade. Aleluia !

*- Qual o principal sentimento que recolheu deste evento?*

Um sentimento de profunda comunhão com os restantes irmãos e irmãs em Cristo alicerçado no falar da mesma língua e no viver de uma mesma fé em Jesus Cristo. A língua é o principal meio de comunicação e emocioniei-me em perceber a riqueza da cultura e da língua portuguesa e a imensa carga afetiva que ambas carregam e que aproxima de forma indelével povos de contextos diferentes. Neste contexto de anglicanos lusófonos a língua materna deixou de ser um problema e constitui agora um profundo fator de aproximação humana e espiritual capaz de nos ajudar a todos a perceber melhor a comunhão na qual nos inserimos. Pessoalmente senti também neste encontro um grato prazer em poder rever Bispos conhecidos e amigos já de outros encontros e vivências concretamente D. Francisco, D. Mauricio, D. André e aprofundar relação com D. Carlos e D. Mark ambos de Moçambique. As relações pessoais e de amizade são fundamentais no estreitar dos laços entre as Igrejas.

*- Que futuro para a rede anglicana lusófona?*

Vive-se hoje no seio da Comunhão Anglicana um tempo favorável à criação de redes desta natureza. Atualmente e no contexto Anglicano são já onze as redes internacionais que aproximam e promovem a cooperação entre Igrejas e Organizações Anglicanas em áreas tão diferentes como a preservação do meio ambiente, a promoção da paz e da justiça ou o cuidado pela família. Existe já uma rede francófona da Comunhão Anglicana e o Inglês já não é a língua mais falado no contexto da Comunhão Anglicana. É um tempo Kairós de plena oportunidade potenciado pela riqueza e vitalidade das diferentes dioceses anglicanas de expressão lusófona. Assim Deus nos ajude a abrimo-nos a este desafio e caminho !



## António Manuel S. P. Silva Instituto Anglicano de Estudos Teológicos

*- Como é que se processa a formação teológica nas igrejas e dioceses que estiveram no encontro?*

De modos muito diferentes, de acordo com os contextos e possibilidades de cada Igreja. No caso das dioceses de Moçambique e Angola, para além de alguns recursos próprios, utilizam-se os programas e institutos de formação de outras igrejas e por vezes recorre-se a apoio externo para que os candidatos ao Sagrado Ministério estudem no estrangeiro. A situação da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil é, a este respeito, a mais desenvolvida. A Igreja costumava usar dois seminários próprios, no Recife e em Porto Alegre, mas agora a formação é coordenada pelo Centro de Estudos Anglicanos, que aposta essencialmente em cursos à distância, para além de gerir um importante acervo de recursos digitais sobre muitos temas.

*- Que vantagens poderá a IL retirar desta reunião na área da formação cristã?*

Fizemos contactos com diversos responsáveis da formação teológica da IEAB e vamos agora aprofundar os cursos e matérias que aquela Igreja tem disponíveis para analisar as possibilidades de partilhar alguns recursos, uma vez que, pela sua escala e condições de trabalho, a Igreja Lusitana terá também de apostar muito no ensino à distância, seja para o Ministério ordenado, seja para outros ministérios da Igreja. Mas também teremos por certo recursos que poderemos oferecer às outras igrejas lusófonas. As vantagens do uso de uma língua comum são evidentes, e naturalmente que esperamos que uma das dimensões da rede lusófona que agora se propõe seja precisamente esta, da formação cristã e teológica.



# Brasília, a história de uma relação

Já vem desde longa data a aproximação entre a Igreja Lusitana e a Igreja Anglicana em Brasília. Símbolo dessa relação e afinidade antiga encontramos-na na presença do então Bispo da Igreja Lusitana, D. Luís César Pereira, na cerimônia da dedicação do templo da catedral Anglicana da Ressurreição em Brasília no dia 5 de maio do ano de 1963. Para além da presença do seu Bispo, a Igreja Lusitana expressou a sua relação de companheirismo, através da oferta para a catedral de uma bonita pia batismal em mármore branco com a inscrição: «Um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo» (Efésios 4, 5). Nesse mesmo dia, e no ofício de encerramento, D. Luís Pereira, inaugurou a pia batismal, nela batizando uma criança e um adulto. Refira-se que até 1985 o trabalho anglicano em Brasília decorreu sob a jurisdição da Diocese do Rio de Janeiro sendo nesse mesmo ano formalmente constituída a Diocese Anglicana de Brasília que teve como primeiro Bispo D. Agostinho Sória.

Em 1993 a Comissão Permanente da Igreja Lusitana presidida por D. Fernando da Luz Soares aceitou a proposta apresentada por D. Almir dos Santos para um companheirismo de missão pleno entre as duas dioceses. Na sequência desta relação, a Igreja Lusitana concedeu autorização à diocese de Brasília para o uso do livro de liturgia da Igreja Lusitana nas suas celebrações.

De então para cá os laços foram-se estreitando, com visitas mútuas e cooperações diversas e um sentido grande de intercessão e de oração entre ambas as dioceses. D. Fernando da Luz Soares realizou diversas viagens ao Brasil quer para conhecimento da diocese irmã de Brasília quer da realidade da Igreja Anglicana a nível nacional. Em novembro de 2001 a Igreja Lusitana, após uma campanha a nível diocesano, contribuiu economicamente para a distribuição de material escolar a 50 crianças de uma área de Missão da Diocese de Brasília em Rondônia.

Em novembro de 2002 D. Almir dos Santos esteve presente no 89º Sínodo Diocesano da Igreja Lusitana após uma visita aos dois Arciprestados da Igreja juntamente com sua esposa Noeli. Em Setembro de 2007 D. Mauricio de Andrade visitou o Arciprestado do Norte tendo pregado na Paróquia de S. João Evangelista e em Junho de 2008 concelebrou no culto realizado na Catedral de S. Paulo e comemorativo do 50º aniversário da Sagração do primeiro bispo D. António Ferreira Fiador. Foi ele também o pregador na cerimônia de sagração do atual bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral, em Abril de 2013.



Pia batismal oferecida pela Igreja Lusitana



# Mais que uma visita, um tempo de comunhão.

A convite de D. Mauricio de Andrade, visitei de 1 a 5 de março passado, a diocese Anglicana de Brasília. Foi um tempo muito abençoado no decorrer do qual experienciei profundamente a hospitalidade e o amor cristão dos nossos irmãos brasileiros. Como em qualquer visita, o que me marcou mais foram as relações humanas estabelecidas, os tempos de espiritualidade e de celebração vividos em conjunto e o contacto feito com realidades humanas diversas, algumas delas bem sofridas. Foi com emoção profunda que preguei na catedral anglicana da Ressurreição, no culto do II domingo da quaresma, dando deste modo continuidade histórica a um caminho já aberto pelos meus antecessores.

Testemunhei nessa celebração como dominicalmente, o povo da Igreja Lusitana e o seu bispo, são colocados em oração perante o Senhor da Igreja, numa prece dominical ininterrupta, que expressa bem a solicitude e fraternidade da diocese companheira para conosco. Visitei paróquias e missões, contactei com o clero e o povo desta diocese e em todos percebi um amor profundo à Igreja de Jesus Cristo e uma abertura e interesse muito grandes na relação com a Igreja portuguesa naturalmente sustentada em processos históricos e culturais bem firmados entre os dois povos irmãos.

Brasília é uma diocese jovem que celebra precisamente este ano o 30º aniversário (1985 – 2015) da sua instalação. É por isso uma diocese em festa que acaba de inaugurar um importante trabalho social e educativo para 200 crianças através do Centro Social Anglicano da paróquia do Espírito Santo bem perto da cidade de Brasília.

A Diocese Anglicana de Brasília tal como a Igreja a nível nacional revelam um grande conhecimento e compromisso com a sofrida realidade social vivida no

país. Expressão desse compromisso e uma das marcas de Missão da Igreja Brasileira, é o «Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento» que apoia projectos sociais e educativos da Igreja em todo o país. O lema deste Serviço é a promoção humana e a transformação da vida das pessoas que sofrem.

D. Mauricio sempre apoiado por sua esposa Sandra imprime a esta diocese uma liderança afetiva e de grande presença e acompanhamento. Conhece as suas ovelhas pelo nome e exprime para com todos uma grande solicitude pastoral cuja preocupação é o construir da koinonia (comunhão) eclesial. Apesar das longas distâncias do território sob a sua jurisdição (a diocese está presente em quatro distritos federais) é um bispo presente com uma visão articulada das necessidades e desafios da Igreja.

Tivemos juntos a oportunidade de elencar áreas e atividades futuras que queremos dêem mais expressão ao companheirismo existente. Entre elas o apoio mútuo na educação e formação teológica, o intercâmbio de missão entre clero e jovens e o dar as mãos na prevenção e trabalho na violência contra as mulheres. Procuraremos fazê-lo aproveitando também as novas possibilidades de comunicação na área digital. Assim Deus nos ajude a todos!

*Bispo Jorge Pina Cabral*



## Sagrada primeira mulher Bispo na Igreja de Inglaterra

Culminando um longo processo decisório, em julho de 2014 o Sínodo Geral da Igreja de Inglaterra aprovou o acesso de Mulheres ao Episcopado; até então, o acesso de Mulheres às ordens sacras estava restringido ao Diaconato e ao Presbiterado.

Poucos meses depois, em dezembro, a Reverenda Elizabeth (Libby) Lane, foi nomeada Bispo Sufragâneo de Stockport (Província de York), tendo sido sagrada a 26 de Janeiro deste ano, em cerimónia na Catedral de York, presidida pelo respectivo Arcebispo, John Sentamu. Estamos perante um acontecimento que fica na História da Igreja de Inglaterra; não digo que fique também, com o mesmo realce, na História da Comunhão Anglicana porquanto várias Igrejas da Comunhão já têm Bispos do sexo feminino. Antes de nos debruçarmos um pouco sobre este importante que é um passo para a igualdade de género no seio da Igreja de Cristo, interessa dar a conhecer, um pouco, quem é Libby Lane.

Nascida em 1966, frequentou as Universidades de Oxford e de Durham, onde se graduou em Teologia; foi ordenada Diácono em 1993 e Presbítero no ano seguinte. Casou, em 1990, com o Reverendo Geoge Lane, também Presbítero da Igreja de Inglaterra e é mãe de dois filhos. Serviu em várias paróquias e, nos últimos sete anos era pároco em S. Peter's Hale e S. Elizabeth Ashley.

A decisão do Sínodo Geral e, posterior, designação da Reverenda Libby Lane para a Cátedra de Stockport foi classificada pelo Primeiro Ministro do Reino Unido, David Cameron, como um acto histórico e “um impor-

tante passo da Igreja para uma maior igualdade de género nos postos sénior.”

Mas o que nos pode parecer ser algo de, digamos “natural”, não foi fácil de atingir, não foi um processo pacífico, consensual. Já em Novembro de 2012 o Sínodo Geral da Igreja de Inglaterra fora chamado a uma decisão nesta matéria; só que, por um só voto, não foi obtida a maioria de 2/3 indispensável a uma decisão favorável. Deste modo, o processo foi retomado em 2014, tendo, então, sido aprovado.

Não se tratou de uma decisão fácil; a sua assumpção exigiu aturados trabalhos de pesquisa teológica, de História e sobre as tradições da Igreja de Cristo. Foi, também, um processo em que houve um profundo diálogo, sempre animado por um genuíno espírito fraternal, não só entre as várias tendências presentes no seio da Igreja de Inglaterra, mas também com os parceiros ecuménicos.

“esta é uma ocasião de profunda alegria para muitos, especialmente para muitas das mulheres clérigos da Igreja de Inglaterra. Elas sentem que esta decisão afirma o seu lugar e ministério na vida da Igreja»

Como é natural, esta decisão Sinodal não agradou nem a algumas outras Igrejas da Comunhão Anglicana, que continuam a vetar o acesso de mulheres ao ministério ordenado, nem a uma minoria de membros da Igreja de Inglaterra – clérigos e leigos – nem a parceiros ecuménicos, como é o caso da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa. Houve, mesmo, quem receasse que uma decisão como esta pusesse em causa a unidade da Igreja de Inglaterra e mesmo da Comunhão Anglicana. Graças a Deus nada disso ocorreu, nem sequer terá sido prejudicado o diálogo fraterno com os parceiros ecuménicos. Para este clima pacífico muito terá contribuído toda a metodologia utilizada, que permitiu a audição de todas as correntes de opinião e manteve, sempre, uma porta aberta para o diálogo.

De resto, logo que conhecida a decisão Sinodal, o Arcebispo de Cantuária, na sua qualidade de primaz da Igreja de Inglaterra, dirigiu uma carta aos parceiros ecuménicos (datada de 16 de Julho de 2014), dando nota desta evolução eclesial e onde procura manter, senão mesmo reforçar, os laços de fraternidade com as outras Igrejas. Nessa carta começou por dizer que “esta é uma ocasião de profunda alegria para muitos, especialmente para muitas das mulheres clérigos da Igreja de Inglaterra. Elas sentem que esta decisão afirma o seu lugar e ministério na vida da Igreja. Para outros, na Igreja de Inglaterra, esta decisão poderá ser fonte de desapontamento e preocupação.”

O espírito do debate que conduziu a este resultado foi, para usar as palavras do Arcebispo Justin, “franco, apaixonado e imbuído de muita caridade cristã”

Houve a preocupação de garantir que a ordenação de Mulheres como Bispos não constituísse um factor de divisão no seio da Igreja de Inglaterra, garantindo-se, a quantos ficaram incomodados com esta decisão sinodal, o respeito pela sua postura.

Na prática, essa garantia não foi meramente circunstancial, teórica, pois foi manifesta pouco tempo depois da sagração da Bispo Libby: no dia 2 de Fevereiro foi sagrado Bispo um sacerdote – Philip North – bem conhecido pelas suas posições tradicionalistas e discordância sobre a ordenação de Mulheres. Ora como a sagração do Reverendo North seria feita com a presença, não só de Bispos que votaram a favor da ordenação de Mulheres, como a da própria Bispo Libby, a imposição das mãos sobre o novo Bispo foi feita, apenas, por três dos Bispos presentes, que haviam manifestado a sua oposição à ordenação feminina; todos os demais, incluindo, naturalmente, a Bispo Libby, limitaram-se a rodeá-lo, orando a Deus por este seu novo colega de Episcopado.

Tem interesse conhecer os princípios definidos pelo Sínodo Geral, tendentes a assegurar o respeito pelas posições da minoria e dos parceiros ecuménicos:

Na medida em que partilha o episcopado histórico com outras Igrejas, designadamente com a Igreja Católica Romana, com a Igreja Ortodoxa e com Províncias da Comunidade Anglicana que ainda não aceitam a ordenação de Mulheres, a Igreja de Inglaterra afirma que a sua própria e clara postura sobre ministério e género é assumida no seio de um processo, mais amplo, de discernimento no seio da Comunhão Anglicana e na globalidade da Igreja de Deus.

•Aqueles que, continuando membros da Igreja de Inglaterra, se sintam incapazes de, por motivos teológicos, receberem o ministério de Mulheres Bispos ou Presbíteros, ficam com a garantia de poderem continuar a viver no seio do espectro de ensino e tradição da Comunhão Anglicana.

•São tomadas medidas pastorais e sacramentais para essa minoria dentro da Igreja de Inglaterra, sem estabelecimento de limites de natureza temporal, de molde a ser mantido o mais alto nível de comunhão e contribuindo para um florescimento mútuo em toda a Igreja de Inglaterra (...)

«Houve a preocupação de garantir que a ordenação de Mulheres como Bispos não constituísse um factor de divisão no seio da Igreja de Inglaterra, garantindo-se, a quantos ficaram incomodados com esta decisão sinodal, o respeito pela sua postura».

A terminar, gostaria de deixar expressa a minha posição sobre esta matéria, para dizer que sou totalmente aberto à ascensão de Mulheres às ordens sacras. No mundo em que vivemos, em que a igualdade de género é a regra, porquê manter esse tabu machista? De resto, a tradição do Cristianismo primitivo mostra-nos bem o papel importantíssimo – e até de liderança – que as Mulheres tiveram nas Comunidades Cristãs e mesmo como Apóstolas (por exemplo Junia).

Daí que a decisão do Sínodo Geral da Igreja de Inglaterra seja louvável e de aplaudir.

Manuel Guedes-Vieira

# Uma humanidade desumanizada?



1. A 27 de janeiro passado celebrou-se mais um Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, este ano de modo particular por passar o 70º aniversário da libertação do Campo de Concentração de Auschwitz. A esse propósito veio-me à mão o livro “Se isto é um homem”, de Primo Levi, um judeu italiano sobrevivente. Trata-se de uma descrição muito bem conseguida sobre as diversas áreas do seu quotidiano durante um ano naquele campo de extermínio, com 24 anos de idade. Ao escrevê-lo, o autor explica que o fez para “fornecer documentos para um estudo sereno de alguns aspetos da alma humana”.

Embora considerando que na altura da sua deportação – princípio de 1944 – as condições de vida a que foi sujeito contemplavam “sensíveis melhorias”, relativamente às dos prisioneiros de anos anteriores, Primo Levi diz que no campo de extermínio perdia-se tudo, ficava-se “um homem vazio, reduzido ao sofrimento e à carência, esquecido da dignidade e bom senso, pois acontece facilmente a quem tudo perdeu, perder-se a si próprio”.

Ou seja, perdia-se a identidade humana jogando cada um no fundo, pois só “mostrando o número” – tatuado no braço esquerdo – se recebia o pão e a sopa. A fome pelo frugal e desqualificado alimento, o imenso frio pela ausência de roupa adequada, o trabalho pesado e devastador das cada vez menos energias de cada um e, ainda, o permanente medo de ser roubado nos já diminutos pertences próprios, propiciavam uma constante tensão existencial de defesa obsessiva e solitária. A certa altura, Primo Levi escreve que no campo “a luta para sobreviver é sem remissão, porque cada um está desesperado e ferozmente só.” Nesse contexto percebe-se quanto sofrimento requeria o ter de enfrentar de dia e de noite a “massa”, com a sua organização e normas que privilegiavam os mais fortes em detrimento dos mais fracos. A sobrevivência embrutecia-os,

desumanizava-os, reduzia-os ao estado de animais.

A 2ª Guerra Mundial provocou o maior genocídio na história da humanidade, condenando à morte seis milhões de pessoas, 80% das quais pertenciam à comunidade judaica.

2. Hoje, segundo dados da ONU, existem em todo o mundo mais de 42 milhões de pessoas deslocadas que vivem em mais de 100 acampamentos em diferentes regiões do mundo, Turquia, Líbano, Jordânia, Sudão, etc. São os campos de refugiados, bem diferentes dos ‘campos de extermínio’ dos nazis, para onde as pessoas fugiram de ambientes de guerra. Vivem numa situação económica precária, em espaços superlotados e, por isso, expostas a uma terrível degradação psicológica e social. Além disso, existem sem perspectiva porque não sabem se e quando poderão voltar às suas vidas e locais de origem.

Ontem, os dos campos nazis, obrigados a deixarem tudo o que eram para se tornarem números onde, “envolvidos e arrastados sem tréguas pela multidão inúmera de outros iguais a eles, sofrem e arrastam-se numa íntima solidão baça, e em solidão morrem ou desaparecem, sem deixar rasto na memória de ninguém”. Hoje, outros, na fuga ao desespero da guerra e suas calamidades, acorrem ao campo de refúgio, na esperança de que algo mude na curva do tempo e chegue a altura do seu regresso ao local das suas existências passadas. Todos, pessoas de secundaríssima classe, vítimas da ignominia humana que, por esta ou aquela razão, aniquila vidas e transforma seres humanos em farrapos devastados pelo sofrimento e devora vidas sem qualificativo.

3. Entretanto, nós, por cá, no chamado mundo civilizado, vamos vivendo à margem desses dramas, embora entorpecidos, por esquecimento induzido, no júbilo do mundo informático, do navegar intenso e doentio

na Internet, do acesso excessivo ao Facebook e Twitter e do uso desmesurado do SMS via telemóvel. A relação virtual que sub-repticiamente nos vai afastando da verdadeira realidade humana, minorando o sentido da nossa afetividade e alienando o contacto físico e pessoal nas relações com os outros.

Não quer isto dizer que os meios tecnológicos ultimamente à nossa disposição não devam ser usados, mas, que o sejam tão só para ajudar, complementar e consolidar as relações entre as pessoas. Jesus – Deus feito carne – humanizou-se para ombrear connosco, viver a humanidade divina e levar-nos à salvação (S. João 3,16). E a salvação está imbicada no nosso jeito de ser humano. Por outras palavras, Deus humanizou-se em Jesus para que quem n’Ele crer como Filho de Deus ganhe e cresça em humanidade. Por isso o Seu mandamento: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (S. João 15, 12)».

A par disso, com iguais ou pior consequências, a investigação científica vai-nos avisando: a onda digital está a trabalhar para “reprogramar o nosso cérebro” (Carr, 2010). Biólogos evolucionistas afirmam até que os dispositivos electrónicos estão a devolver o ser humano ao seu estado primitivo, programando-o para responder instintiva e rapidamente (sem pensar, isto é, sem espírito crítico) a sinais de perigo e oportunidade. Isto é, convivemos com circunstâncias que nos estão a minorar a capacidade de raciocinar e, portanto, de exercermos a nossa condição identitária de ser humano.

E entre a classe dos sociólogos há quem afirme que “é cada vez mais difícil de negar que estão a ocorrer alterações mentais, emocionais e comportamentais, e que isso é consistente com a expansão do processo de precarização”. É que os hábitos do uso extenso dos dispositivos electrónicos encorajam a chamada ‘multitarefa’ que, perante a sobrecarga de informação, vai aumentando a dificuldade em anular informação irrelevante, não permitindo filtrar o útil e o inútil. Como consequência, dizem os investigadores científicos, os trabalhadores precarizados ficam “incapazes de controlar o seu uso do tempo, sofrem de stresse, o que corrói a capacidade de manter uma mente em desenvolvimento, de ter aquela sensação de aprendizagem reflexiva com uma perspectiva de longo prazo”.

Ora, sabendo-se que a pessoa humana amadurece à medida que caminha nas experiências da vida, no significado do que acontece, no juízo sobre o que faz para descobrir o sentido das coisas, apercebemo-nos de quanto a onda digital, a concretizar-se os avisos científicos, pode levar-nos a uma situação de catástrofe em termos da identidade humana onde prepondera o ser pensante e criativo.

«a salvação está imbicada no nosso jeito de ser humano. Por outras palavras, Deus humanizou-se em Jesus para que quem n’Ele crer como Filho de Deus ganhe e cresça em humanidade. Por isso o Seu mandamento: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (S. João 15, 12)».

«a pessoa humana amadurece à medida que caminha nas experiências da vida, no significado do que acontece, no juízo sobre o que faz para descobrir o sentido das coisas»

4. Ora, se a memória do holocausto passado se desvanece, se a consciência da dimensão no presente dos campos de refugiados não nos chama à reflexão, e se ainda, subjugados pela onda virtual, nos vamos desapegando pessoalmente uns dos outros, então, perdemos o que de mais promissor será o futuro da humanidade e, assim, vamos retrocedendo na nossa evolução como seres humanos.

Este ano a “minha” quaresma levou-me a pensar em tudo isto e particularmente na hipotética possibilidade de as nossas crianças não terem futuro. Incomodado, desamparado, grito do fundo da minha alma: ressurreição, afirma-te nos nossos corações; vem Senhor Jesus, para que vivamos.

+Fernando Soares, Bispo Emérito  
Quaresma de 2015

i Primo Levi in “Se isto é um homem”, Publicações Dom Quixote, 2014  
ii idem, pg 9; iii Idem, pg 26; iv Idem, pg 94; v Idem, pg 95  
vi Guy Standing in “O Precariado – a nova classe perigosa”,  
Editorial Presença, Lisboa, 2014, pg 48; vii Idem, pg 48; viii Idem, pg 49

# Ide, anunciai, batizai...



Nesta secção criada para aprofundar a relação entre o batismo e a missão da Igreja, apresentamos neste número, um testemunho do padre católico romano Tony Neves, Missionário e Provincial dos Missionários Espiritanos com grande participação no movimento ecuménico em Portugal:

“Ide, Anunciai, Batizai...” são ordens de Jesus Cristo e ordens são para cumprir! Na Bíblia, o Batismo é porta de entrada para a Igreja e reveste-se de uma importância fundamental. Há tradições cristãs muito diversas, mas todas lhe atribuem um lugar de enorme destaque. Há Igrejas que batizam as crianças, outras só jovens e adultos. Há celebrações de imersão e outras em que apenas se derrama água na cabeça ...enfim, uma diversidade de formas celebrativas, mas uma convicção única de que o Batismo é fundamental para a vida das comunidades cristãs.

## Batizar em Angola...

Fui ordenado Padre católico em 1989. A minha primeira Missão foi em Angola, onde a Igreja continua a crescer muito. Ao longo da minha Missão neste país lusófono, celebri centenas de Batismos. Ali, em tempo de guerra civil, eram muitas as crianças que nasciam. Da parte dos pais, havia a preocupação de as batizar até porque a guerra matava muita gente e as doenças vitimavam muito mais. Os familiares das crianças recém-nascidas queriam apressar sempre a celebração do Batismo o que, em alguns casos, gerava alguma tensão com os Padres das Missões que queriam organizar as visitas às Comunidades e as Celebrações dos Sacramentos e não podiam abrir excepções para atender muitos pedidos pontuais.

Mesmo em tempo de guerra e de fome, a celebração

colectiva dos Batismos revestia-se sempre de uma enorme solenidade. Os familiares tentavam arranjar as melhores roupas e tentavam, a todo o custo, fazer uma festinha familiar. E como em Angola todos são família (ou quase), havia sempre muita gente, o que complicava a logística. A celebração, na Igreja, podia demorar várias horas, com toda a Missa cantada e dançada, sem pressas porque Deus merece tudo e o povo gosta de celebrar com calma e alegria. O choro das crianças, sempre com pouca vontade de ver água a escorrer pela cara, era silenciado pela amamentação, prática bem africana e de grande sucesso. A verdade é que as celebrações são participadas por muitos bebés e o problema do ruído por eles provocado nunca constitui grande dificuldade, pois qualquer mãe tem solução imediata.

## Um catecumenato longo...

Se a Igreja católica (e outras Igrejas) cresceram muito em Angola nos últimos 30 anos é porque houve mais batismos que funerais, assim fala qualquer boa estatística. É verdade, pude comprová-lo no terreno. E não havia grande facilitismo no acesso ao sacramento. Só batizava a criança quem pertencesse à Comunidade e nela tivesse parte ativa. Depois da candidatura, havia sessões de preparação para pais e padrinhos (no caso de serem crianças) ou três longos anos de catecumenato (para jovens e adultos). A caminhada proposta (imposta) era séria e alguns acabavam por desistir ou serem impedidos de continuar o caminho rumo ao Batismo.

Encontrei uma situação muito semelhante em Moçambique, sobretudo no corredor Nampula-Nacala onde os meus colegas Missionários vivem e trabalham no meio do povo macua. É um espaço de primeira evange-

lização, pois a maioria das pessoas seguem as Religiões Tradicionais. A preparação para o batismo dos catecúmenos é longa e exigente. As celebrações são feitas, regra geral, debaixo de grandes árvores, com muita alegria e participação das populações.

## Taiwan e México...

Os Missionários Espiritanos estão a trabalhar nos quatro cantos do mundo. Falei com os Padres Victor Silva e Tiago Barbosa que estiveram largos anos em Taiwan e México, respetivamente. Em Taiwan, a presença cristã é residual e as comunidades são pequenas, mas jovens e vivas. Os Batismos são celebrados ao fim de longos tempos de preparação e são raras as crianças batizadas. Os Missionários estão presentes nos meios académicos e é lá que fazem pastoral e preparam jovens para um dia receberem o sacramento do Batismo. Realidade completamente diferente é a que se vive no México, mesmo nos ambientes indígenas do interior do país. Ali, a maioria da população é cristã e o Batismo celebra-se, regra geral, em criança, com muita festa que envolve aldeias inteiras. Mas, nas grandes cidades como Tampico, há já muitas famílias que estão longe das Igrejas e, por isso, não querem batizar as crianças. Não é de estranhar que o catecumenato de adultos ganhe força e que sejam já bastantes os casos, nos últimos tempos.

## Missão no Brasil...

Numa visita que fiz ao Brasil, acompanhei os Missionários nas diversas áreas onde vivem e trabalham. Marcou-me muito a Missão que é feita nas favelas do Rio de Janeiro e S. Paulo. Estive com os missionários de Cabo Frio e Queimados (duas periferias complicadas do Rio) e na Vila Prudente e Jardim Planalto (favelas paupérrimas de S. Paulo). Acompanhei os Padres em algumas celebrações e fiquei marcado pela participação das pessoas e alegria com que viviam estes momentos de espiritualidade. Nestes contextos pobres e violentos, muitas famílias estão desestruturadas e há crianças com fatura, muitas delas à deriva e à mercê dos grupos de crime organizado. Há, contudo, muitos Batismos celebrados em criança e um número relativamente numeroso de jovens e adultos que se preparam. A verdade é que alguns desaparecem durante o catecumenato, dada a instabilidade que se vive nestes bairros favelados.

## Agora em Portugal...

Regressei a Portugal onde a Missão continuou. Aqui, a realidade é diferente, com famílias de raiz cristã a não valorizar muito a celebração do Batismo, apanhadas na onda de secularismo que a todos afeta. Mas também tenho acompanhado jovens casais que se preparam bem para o Batismo dos seus filhos. Em contexto universitário, já preparei vários jovens para o Batismo, o que prova que Portugal está a mudar no que diz respeito às suas convicções e práticas religiosas. Em resumo, o ‘ide, anunciai, batizai’ continua a ser uma orientação de Jesus Cristo para tomar a sério. O



futuro das Igrejas passa por aqui.

«uma diversidade de formas celebrativas, mas uma convicção única de que o Batismo é fundamental para a vida das comunidades cristãs».

«o ‘ide, anunciai, batizai’ continua a ser uma orientação de Jesus Cristo para tomar a sério. O futuro das Igrejas passa por aqui »

Padre Tony Neves  
Fórum Ecuménico Jovem  
Provincial dos Missionários Espiritanos

## A Glorificação de Jesus no Evangelho de S. João



O Evangelho nasce, é, e finda no domínio da perfeita unidade Pai-Filho, fora da qual não o compreendemos e, por isso, não alcançamos a sua meta. Assim sendo, o quarto Evangelho é, por um lado, um contínuo testemunho da glória de Jesus ou da sua vida em Deus e, por outro, uma constante chamada a sermos na sua vida testemunhada.

Segundo o autor do testemunho, da glorificação de Jesus brotam três frutos decisivos para os seus leitores: 1) Jesus vence o dominador do mundo que perde o seu poder e que fica manietado lutando contra si mesmo; 2) Jesus dá-nos e a toda a humanidade o poder de sermos filhos de Deus como ele atraindo-nos à sua vida no Pai; 3) ao acolhermos a vida comunicada por Jesus glorificado somos gerados como filhos de Deus.

### Evento principal do quarto Evangelho

A glorificação de Jesus é o evento principal, no qual decorre e para o qual tende todo o quarto Evangelho. Dizemos principal evento por ser o primeiro e o mais decisivo do testemunho joanino. Cada uma e todas as cenas do Evangelho são entendidas à luz da glorificação de Jesus.

O autor dá-nos a conhecer o evento da glorificação de Jesus, ao qual também chama de elevação (cf. 12,32), como uma monumental, eterna e viva hora comunicativa (cf. 2,4; 12,23). O evento desenrola-se em sete etapas, que correspondem a sete conteúdos comunicados (cf. 19,17-42):

- a centralidade e a universalidade da sua salvação (cf. 19,17-18);
- exposta aos olhos de todo o mundo como rei dos judeus (cf. 19,19-22);
- confirma a meta da sua missão: a salvação do mundo (cf. 19,23-24);
- gera o discípulo amado que testemunha a glorificação (cf. 19,25-27);
- tudo consumado, entrega o seu Espírito (cf. 19,28-30);
- brota o poder dos seus para cumprir a missão (cf. 19,31-37);
- dois judeus nascem do alto acolhendo-o como rei (cf. 19,38-42).

No centro do evento é gerado aquele que dá testemunho no Evangelho. Sendo gerado pelo glorificado (cf. 19,25-27), o seu testemunho deseja gerar filhos de Deus. Da vitalidade do evento da cruz, concretamente, dos frutos que brotam do lado de Jesus (água e sangue - cf. 19,34), o autor faz depender a nossa e a vida dos seus leitores.

Como fruto do evento da glorificação (cf. 20,1ss), com o termo usado na LXX para descrever a criação da mulher do lado homem (pleurá - cf. Gn 2,21-22), na terceira repetição de pleurá (20,20.25.27), o glorificado chamamos, através de Tomé, a tocá-lo (cf. 20,27). Chama-nos a tocar os frutos da sua glorificação, concretamente, o seu lado.

Como Tomé, somos chamados a tocar os frutos do glorificado em Deus para sermos de Deus, para sermos em perfeita relação de pertença ao nosso único Deus e Senhor, para sermos perfeitamente homem na medida em que vivemos do seu lado, da sua morada, da sua relação filial, do seu seio. O glorificado chama-nos a tomar perfeitamente parte da sua relação com Deus como seus filhos (cf. 20,28).

«A glorificação de Jesus é o evento principal, no qual decorre e para o qual tende todo o quarto Evangelho ... cada uma e todas as cenas do Evangelho são entendidas à luz da glorificação de Jesus»

### Autor do quarto Evangelho

A testemunha do quarto Evangelho é o discípulo amado. Chegamos a esta resposta lendo o texto joanino: (19,25-35). Mas quem é o discípulo amado? Em primeiro lugar, o quarto Evangelho, como qualquer outro texto, resulta de um processo de elaboração ou de composição. De facto, a elaboração do Evangelho joanino incluiu a tradição oral e redacional. Então, pouco se escrevia. Quase tudo se transmitia oralmente. O processo de composição do quarto Evangelho durou aproximadamente 70 anos. O período entre o início da vida pública de Jesus (pelo ano 30) e a conclusão do Evangelho (pelo ano 95).

Como o Evangelho esclarece nas suas últimas palavras, o discípulo amado permanece. Permanece onde? Permanece no testemunho que nos deixou e que se encontra à disposição da nossa leitura: Jo 21,20-25.

### Meta do quarto Evangelho

O testemunho do discípulo tem uma meta bem precisa: 20,30-31.

Na sua literatura, história e acreditar, o quarto Evangelho augura a sua principal intenção: que tenhamos a vida de Deus acreditando em Jesus (cf. 20,31). A meta joanina concretiza-se, positiva ou negativamente, na medida do acolhimento que as personagens ao longo do Evangelho dão à palavra do glorificado:

- Plenamente: como o cego de nascença (cf. 9,1ss);
- Positivamente: como os samaritanos (cf. 4,43ss);
- Parcialmente: como o paralítico (cf. 5,1ss);
- Curiosamente: como alguns da Galileia (cf. 4,48; 6,22-26);
- Temerosamente: como os pais do cego (cf. 9,22; 12,42);
- Indiferentemente: como alguns judeus (cf. 6,60ss);
- Opostamente: como o sinédrio (cf. 11,45ss).

O desejo vital de Jesus é que os seus sejam na compreensão, na unidade, na vida em Deus (cf. 20,31). Jo não visa senão o encontro do desejo de Deus dar ou comunicar a sua vida e o desejo que os seus a desejem como sua. Jo testemunha na vida de Deus para que a vida dos seus seja a de Deus. O próprio Jesus insiste: «Quem é de Deus ouve as palavras de Deus. Por isso, não ouvis, porque não sois de Deus.» (8,47).

«Como Tomé, somos chamados a tocar os frutos do glorificado em Deus para sermos de Deus, para sermos em perfeita relação de pertença ao nosso único Deus e Senhor»

### Nós e o quarto Evangelho

O discípulo amado, ao receber a mulher e a mãe de Jesus como sua mãe, é gerado como filho de Deus e como irmão do Unigénito. O discípulo amado é modelo para toda a humanidade, precisamente, por ser gerado de Deus. A hora de Jesus é, de facto, um autêntico dom de comunhão e de vida. É a hora em que se torna nosso aquilo que é próprio do Filho de Deus, a hora em que quem ama e quem é amado se encontra num único amor. Mãe e filho revelam o amor do Pai e do Filho, e neles é iniciada a hora daqueles que vivem do alto. O Filho é acolhido pelo Pai no céu e é recebido na terra pela mulher, sua mãe, e pelo discípulo amado, seu irmão.

Dessa forma, Jesus recria o ser humano na atração à sua palavra gloriosa. Majestosamente, o discípulo amado, gerado pela palavra do Senhor, dela é testemunho. E nós, de que estamos à espera para sermos melhor recriados pela palavra amantíssima de Deus?

«E nós, de que estamos à espera para sermos melhor recriados pela palavra amantíssima de Deus?»

Frei Bernardo Corrêa d'Almeida  
Ordem dos Franciscanos

### Ler o quarto Evangelho

O Evangelho joanino é um conjunto formado por literatura, teologia e história. Na realidade, entendemos melhor o texto joanino ao entrarmos em relação com o autor, com Jesus e os discípulos e com o ambiente de Jesus e dos discípulos. Respectivamente, através da literatura, da teologia e da história do texto.

Assim, importa ler o quarto Evangelho como uma obra simultaneamente de literatura com tudo o que ela comporta - ação, personagens, verbos, conflito, géneros literários, figuras de estilos-, de literatura teológica, ou seja, um texto que nos fala de Deus através do seu Filho e de literatura teológica que nos fala de Deus numa situação concreta da história.

Com efeito, ler o quarto Evangelho é contemplar uma obra literária com um dinamismo, um contexto e um significado próprios, que se descobrem percorrendo o texto.

### O que é o quarto Evangelho ?

O quarto Evangelho é um testemunho, que nos é dado da mão do autor para a nossa própria mão (cf. 19,34-35; 21,24-25). Segundo o autor, tendo Jesus vencido o mal e regressado ao Pai, dá-nos a conhecer o fruto da sua vitória. A revelação de Jesus, que é a sua própria vida ou a sua condição de Filho, é o testemunho recebido e dado no quarto Evangelho. Jesus é o Unigénito de Deus. É um com Deus. E, nessa e para essa unidade, Jesus joanino chama-nos a sermos (cf. 1,18; 17,3).



## Religiões em Portugal assumem caminhos de paz

No seguimento dos trágicos acontecimentos vividos em Paris a 7 de janeiro, com o atentado terrorista que atingiu o jornal satírico francês Charlie Hebdo, realizou-se a 2 de fevereiro em Lisboa, um encontro inter-religioso. O encontro promovido pelo Alto Comissariado para as Migrações teve a presença do secretário de Estado, Pedro Lompa, e contou com a participação de representantes de diversas religiões e Igrejas, entre elas a Igreja Lusitana.

Desta iniciativa surgiu o desejo de organizar uma ação conjunta conjunto que integrasse o fenómeno religioso no espaço público. Tal acontecerá nos dias 23 e 24 de maio de 2015, numa praça central em Lisboa, no âmbito do evento ACM Portas Abertas 2015. Para este fim, foi constituído um grupo de trabalho que entre outras tarefas definiu já os objetivos para o evento público e que são:

- Dar visibilidade a todas as comunidades religiosas, mais ou menos expressivas na sociedade portuguesa;
- Dar visibilidade ao diálogo inter-religioso que já é prática entre as várias comunidades em Portugal;
- Dar visibilidade ao fenómeno religioso como espaço de vivência de cidadania, paz, tolerância e mútuo entendimento.

Estão envolvidas na organização as seguintes confissões religiosas e organizações: a Associação Internacional Buddhas Light de Lisboa, Comunidade Bahá'í de Portugal, Comunidade Hindu de Portugal, Comunidade Islâmica de Lisboa, Comunidade Israelita de Lisboa, Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (Comunhão Anglicana), Sikh Comunidade Portugal, União Budista Portuguesa,

Alto Comissariado para as Migrações, IP, Câmara Municipal de Lisboa e outros parceiros institucionais (Comissão Nacional da UNESCO – Portugal). O programa do evento compreenderá apresentação de momentos culturais expressivos da diversidade religiosa presente, espaços de apresentação das religiões e Igrejas organizadoras e uma celebração inter-religiosa no final da tarde de Domingo dia 24 de maio.

O diálogo inter-religioso não é um fim em si mesmo. Não se dialoga por dialogar, mas num caminho constante de procura da verdade. Por meio deste diálogo somos chamados a procurar desenvolver a estima pelo outro, a transparência de pensamento, o esforço para compreender e ser compreendido, o olharmos para o outro não apenas como alguém que está equivocado ou no erro segundo a nossa crença, o saber calar-se para que a voz do outro ressoe em nós de forma clara e sem interferências perturbadoras, confiar no outro e acreditar na sua autenticidade e boa vontade.

A diversidade religiosa é também para nós portugueses um desafio, ela é uma realidade bem presente na nossa sociedade. E toda a realidade tem a sua causa e o seu destino, também a partir do divino. Que nos está Deus a dizer através da diversidade religiosa, um dos sinais atuais do nosso tempo e da nossa sociedade?

Não ficando indiferente perante a urgência dos desafios atuais e fiel à sua missão, a Igreja Lusitana marcará presença neste encontro e terá um espaço próprio para apresentação da sua identidade e trabalho.

Presbítero Fernando Santos

## Mensagem de Páscoa



«Exulta, Igreja Mãe! Exulta em glória!  
O Salvador ressurecto brilha sobre ti!  
Que este lugar exulte de alegria,  
Eco do cântico poderoso de Deus!»

Estas palavras de triunfo são cantadas nas Igrejas à medida que a Páscoa amanhece. Durante séculos estas palavras de gozo do festival de Páscoa ecoaram e continuam a ecoar à volta do globo numa multitude de diferentes línguas e contextos culturais, provocando um impacto grande na vida dos cristãos e das Igrejas. Com a confissão de que Jesus conquistou a morte proclamamos que nós fomos erguidos a uma nova vida n'Ele.

No capítulo 15 da I Carta aos Coríntios, S. Paulo liga a ressurreição de Cristo com a confiança na ressurreição das pessoas de Cristo. O Apóstolo claramente afirma que a ressurreição de Cristo é um começo, e que a esperança da nossa própria ressurreição só pode estar em Cristo. Ele argumenta; se os mortos não ressuscitam, então Cristo também não ressuscitou; e se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é inútil e a nossa fé é inútil também. Depois de expor todos os argumentos que levam os cristãos a proclamar o Cristo ressuscitado, ele continua: «mas a verdade é que Cristo ressuscitou dos mortos, e é garantia de ressurreição para os que morreram.» Esta é também a fé que é igualmente proclamada na abertura da liturgia Pascal Bizantina e que tem sido a confissão dos cristãos através dos séculos.

A ressurreição de Cristo é de grande esperança, não apenas para cada um de nós individualmente, mas também para o problemático mundo de hoje, um mundo no qual a violência e violação dos direitos humanos descrevem o contexto do dia-a-dia das pessoas em muitas partes; um mundo no qual valores morais e espirituais frequentemente parecem sem esperança e inadequados perante as forças da ganância e do vale tudo em todas as áreas da vida. É também um mundo no qual os nossos irmãos e irmãs cristãs continuam cercados e mesmo perseguidos em muitos lugares, como o foram também em muitas outras épocas e lugares ao longo da história. Continuamos a lembrar o sofrimento dos cristãos no Médio Oriente. Este ano a nossa lembrança foca-se particularmente no povo Arménio o qual um século atrás foi levado à morte e ao exílio por ser cristão.

É neste mundo que a mensagem da Igreja na Páscoa permanece constante ao longo dos séculos, proclamando no meio da desesperança a esperança de Cristo, triunfante perante a morte e os poderes do mal; vivendo e dando vida entre nós.

Nesta fé na ressurreição seguimos os santos e mártires através dos tempos que proclamaram Cristo ressuscitado como seu Senhor e Salvador, que acreditam que em Cristo existe vida abundante e de que a morte e sofrimento não terão a última palavra. A fé pascal fortalece-nos com a esperança na vida, aqui e agora e no mundo que há-de vir. Esta esperança não é uma ilusão, que se tornará vazia; antes, é o testado cantus firmus através dos tempos para todos os cristãos. Para além da imaginação humana, o poder da ressurreição vence as forças do desespero, do conflito e da destruição. Somos chamados a proclamar as Boas Novas de Deus em confiança e obediência a Cristo de forma a trazer cura e reconciliação.

A ressurreição de Cristo, deste modo, também nos leva a estreitar os laços da fraternidade cristã uns com os outros, os santos no aqui e agora, a procurar maior unidade e a trabalhar em conjunto com Cristo.

É neste espírito que vos saúdo com esta carta. Continuarei a orar para que a esperança e o gozo do Cristo ressuscitado transforme profundamente os nossos corações e almas, que ele cure as relações entre indivíduos, comunidades e nações, e que possa banir o medo, ultrapassar o sofrimento, promova paz e traga reconciliação.

Termino com o cântico de Zacarias (Lucas 1:78): «porque o nosso Deus é cheio de misericórdia. Ele fará brilhar entre nós uma luz que vem do Céu. Essa luz iluminará os que se encontram na escuridão e na sombra da morte e guiará os nossos passos pelo caminho da paz.»

Abraço-vos com amor fraternal no Cristo ressuscitado.

Justin Welby – Arcebispo de Cantuária

# © Exultet



## A Proclamação Pascal

*Exultai, poderes celestes! Cantai, coros dos anjos!  
Exultai, todas as criaturas junto do trono de Deus!  
Jesus Cristo, nosso Rei, ressuscitou!  
Ressoai, trombetas da salvação!*

*Exulta, ó terra, em divino esplendor,  
radiante no fulgor do teu Rei!  
Cristo venceu, enche-te de glória!  
As trevas foram banidas para sempre!*

*Exulta, Igreja Mãe! Exulta em glória!  
O Salvador ressurrecto brilha sobre ti!  
Que este lugar exulte de alegria,  
eco do cântico poderoso do povo de Deus!*

*in Liturgia da Igreja Lusitana*

